



GT 47. Extensão Universitária: desafios e propostas para a ação e formação em antropologia

Coordenador(es):

Luciana de Oliveira Chianca (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Luciana Gonçalves de Carvalho (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1 - EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO DE DOCENTES E DISCENTES DE ANTROPOLOGIA

Debatedor/a: Regina Célia Reyes Novaes (UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS E COCRIAÇÃO

Debatedor/a: Miriam Pillar Grossi (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Embora a construção reflexiva e dialógica seja reiteradamente incentivada pela pesquisa de inspiração participante, as ações de extensão restam subvalorizadas na formação de antropólogos(as), fundamentada por concepções que rejeitam formas “aplicadas” da disciplina e por critérios avaliativos da nossa cultura acadêmica, que privilegia a pesquisa e considera a extensão como “a prima pobre” da universidade. Considerando que saberes acadêmicos, científicos ou humanísticos pressupõem uma fusão de horizontes com saberes populares e locais, não podemos nos furtar este debate, recentemente potencializado por diretrizes legais exigindo a incorporação e ampliação da extensão nas matrizes curriculares dos cursos de graduação no Brasil. Fomentando tal discussão, o GT reunirá trabalhos que abordem a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão na formação acadêmica e na constituição de saberes decorrentes de experiências de extensão com professores e estudantes de antropologia. Focaremos aspectos conceituais, metodológicos, políticos, relacionais e pedagógicos da extensão universitária em diferentes contextos da nossa atuação (educação, arte, saúde, meio ambiente, patrimônio cultural, igualdade racial, direitos humanos, desenvolvimento local...), problematizando as condições objetivas e subjetivas das ações e mediações antropológicas de caráter extensionista junto a diferentes grupos sociais, reforçando uma concepção crítica do conhecimento e da form(ação) continuada das Universidades.

?Mulheres nos Inhamuns? e o fazer antropológico em projetos de extensão no ensino médio.

Autoria: Tatiane Vieira Barros (IFCE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará)

A experiência de dar aulas para ensino médio no Instituto Federal do Ceará campus Tauá trouxe consigo grandes descobertas acerca da docência. A primeira abriu os horizontes para como fazer o diálogo entre Sociologia e Antropologia para aquele público, quais estratégias e possibilidades. Considerando que nesta instituição, fazer pesquisa se diferencia, muitas vezes, dos métodos e técnicas das pesquisas em Ciências Sociais, a extensão se tornou um lugar em potencial para desenvolver o saber antropológico. Deste debate surge a ideia de realizar um projeto de extensão que envolvesse um estudo antropológico sobre o protagonismo e relevância social da história de mulheres da Região dos Inhamuns/CE. O projeto ?Mulheres nos Inhamuns: narrativas e silêncios? se voltava a promover o aprendizado interdisciplinar e a iniciação à pesquisa e extensão de alunos e alunas do curso integrado de Redes de Computadores. Visando encontrar e repensar a história da região, olhar para às mulheres foi uma forma de mostrar aspectos historiográficos, culturais, sociais, profissionais e de outras áreas do protagonismo. Aprender antropologia se dava por meio do conhecimento e das descobertas das histórias daquelas mulheres. Promovendo um encontro com a pesquisa, alunos e alunas puderam pensar sobre os silenciamentos nas narrativas da região e escrever sobre esses aprendizados. Voltando-se à reflexão que a extensão é um lugar por excelência das humanidades e dos



seus campos de pesquisa, este work se propõe a apresentar a experiência e discutir sobre o conhecimento e os estudos antropológicos a partir dos projetos de extensão.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: